

Alma Nova

Revista Ilustrada Educativa
CRÍTICA E ARTES

ANO I

Colaboração dos principaes escritores do Algarve

N.º III

AS NOSSAS BELEZAS



FARO ESPELHA-SE NA RIA

(Cliché de Eurico Ramalho Ortigão).

Correspondentes nas principaes localidades do Paiz e Extrangeiro

LISBOA

Redacção e Administração

Rua da Procissão, 91, 3.º

Composição e Impressão

A MODESTA

57, Rua do Mundo, 59

1 de Dezembro de 1914

Director, Proprietario e Editor

MATEUS MARTINS MORENO

Secretario da Redacção

J. A. ASCENSÃO CONTRIFEIRAS

ASSINATURAS

Portugal, Ilhas e Colonias, 1 ano 500 rs.
Estrangeiro 3 fra.
Brazil (moeda fraso) 2\$000 rs.

Pagamento adiantado

AVULSO 40 REIS

ANUNCIOS

1 pagina 5\$000 rs.
1/2 pagina 2\$600 rs.
1/4 de pagina 1\$600 rs.
1/8 de pagina 900 rs.

Permanente, contrato especial

FARO

Representante e Correspondente

JOSÉ DIAS SANCHO

Avenida da Republica, 148

onde podem ser tratados todos os assuntos que não digam respeito á administração.





Alma Nova

Revista Ilustrada Educativa

CRITICA E ARTES

Director, Proprietario e Editor

Mateus Martins Moreno

Redacção e Administração

RUA DA PROCISSÃO, 91, 3.º

LISBOA

Secretario da Redacção

J. A. Ascensão Contreiras

Composição e impressão

A MODESTA

57, Rua do Mundo, 59—LISBOA

Colaboração dos Principaes escritores do Algarve

1 DE DEZEMBRO DE 1640

SE ha factos na historia sobre os quais possamos traçar ao mesmo tempo o ilogio e biografia de um povo, outro não conhecemos mais grandioso nem mais amplo de emoções, que esse arranco sublime de amor patrio que assinala a data de 1640.

Mercê de um miserando estado politico-economico e de uma quasi demencia psiquica, que o misticismo e crenças populares activada em desanimos, Portugal caíu um dia do seu estrado de grandezas em que os valentes capitães dos seculos xv e xvi o haviam colocado, nos paroxismos implacaveis da mais desastrosa morte. O baque tetrico do seu corpo imbele, tombando sob os dominios da fera castelhana, confundia-se com o despedaçar dolente das ultimas guitarras portuguezas, já abandonadas, mudas, nos desditos campos de Alcacer-Kibir; confundia-se com o golfar imãne do ultimo coraçào luso, ante as ondas alterosas do ferro inimigo.

1640 é, porém, o seu resur-

gir apoz o rude penar de 60 anos de escravidão ignára; é o desabrochar de uma idade nova, alcandorada de mais gloria, mais heroismo e brios.

1580, descomunale e horrêndo, é o epigrama de sangue, urdido com os símbolos da nossa dôr messianica, que vem selar durante 60 anos a liberdade portugueza; mas o 1.º de Dezembro de 1640 é a epopeia de heroismo que bem claramente vem mostrar que nunca morre o sentimento da independencia num coraçào lusitano.

E recordar tão gloriosa data neste faustoso dia de orgulho nacional e no actual momento historico em que a patria de novo se debate nas inconstancias da victoria e em que a patria de novo joga em Africa a sua liberdade, é reacender nos peitos lusos o heroismo e fama dos seus antepassados e animar as mães portuguezas com o exemplo altivo e lindo das de 1640.

Viva a independencia portugueza!

Viva a nossa querida patria!

Viva a liberdade!

A guerra humoristica



O calçado novo

— Com penas e fadigas calcei uma bota, mas esta parece-me que não é para o meu pé.



Expedição a Angola

Devem seguir por estes dias os vapores "Africa", "Ambaca" e "Peninsular", com novos reforços e munições para as nossas tropas d'Africa em Angola.

Começam a partir os nossos primeiros amigos, os nossos primeiros colegas,—e faz magua vellos assim interceptar as suas carreiras. Mas é um dever patrio que nos chama, soldados, cumpri-mo-lo sem apegos, sem tristezas, com heroismo!

Os corações que cá ficam a acumular lagrimas no cadinho das saudades, que lá vos falem e encoragem nos tranzes dolorosos. Depois, ao voltardes, coroados da gloria dos valentes, cada lagrima vertida será uma pérola de risos a engastar o diadema auriflamante de que sereis cingidos.

Portugal no conflito europeu

NINGUEM, certamente, desconhece a atitude portuguesa unanimemente declarada na importante sessão de 7 de Agosto. A de 23 do p. p. foi, na expressão brilhante de um eminente estadista, o corolario logico da resolução parlamentar daquele dia.

7 de Agosto e 23 de novembro ficarão datas celebres e imorredoiras na historia portugueza do actual conflito, as quais é mister assinalarmos neste dia de tantas recordações historicas e de tanto orgulho nacional.

A nossa liberdade ameaçada, as nossas tropas em luta nos dominios africanos, que difere a presente da funesta data de 1580?

Uma aliança, como então não possuíamos, hoje nos empresta mais vívida coragem; o brio que não desvaneece, e que então parecia apagado, hoje nos impele a aventuras novas e quiçá tão ousadas, quiçá mais felizes. Quiçá mais felizes, sim, porque

a crença de que a Alemanha será vencida, aniquilada, radica-se-nos mais fundo cada dia que passa. — E é isso o necessario, e é isso o indispensavel para o mundo e para a civilização.

O nosso apoio formal e a nossa decisão altiva perante a Inglaterra, se bem que excessos *bernardinicos* na politica internacional hajam ridicularisado algo o nosso valor de aliados, representam mais um passo dado para o estreitamento dos nossos vinculos de solidariedade politica e economica com a valorosa nação.

Combater pela causa dos aliados é, pois, combater pela causa da nossa independencia; é combater pelos nossos direitos de povo livre e renascente.

E o Congresso, que em 7 de de Agosto unanimemente declarou á Inglaterra o desejo de apertar mais os laços da secular aliança, dá hoje consecusão ás suas promessas sob a aquiescencia heroica de todos os portugueses.

1.º de Dezembro de 1640

Jazia a nossa Patria, a nossa Patria amada,
Havia ânos sessenta, escrava e humilhada
Ao jugo de Castela. Uma apatia atroz,
Horriavel, se apossára, oh, céus! de todos nós.
Imperava o rei vil, reinava o vandalismo,
'Sfacelava a Nação o cruel despotismo...
E a alma portugueza, anciosa, encarcerada,
Vivia — desventura! — em treva amortalhada.
Certo dia, porém, épico e sonhadôr,
O heroe despertou dêsse letal torpôr...
N'um gesto leonino, altivo e indignado,
Portugal destruiu o odiento reinado;
E Vasconcelos morto, êsse luso traidôr,
Destronado Filipe, o infame opressôr,
Olimpico estrugiu, animando a cidade,
O grito redentor de — Viva a Liberdade!

Faro — Novembro de 1913.

José Dias Sancho.

Poesia que esta noite será recitada na festa acadêmica do 1.º de Dezembro, em Faro.

Algumas noticias

O Natal e a guerra

Atravez os odios das raças e interesses que se esfacelam n'este momento, consola ver surgir sentimentos pacíficos e cheios de nobreza. Assim é que muitas damas belgas, alemãs, inglezas, francezas e americanas, pensam em obter dos respectivos governos beligerantes um armistício pelo Natal. Festejarão assim as tropas o seu Natal socegradamente, lançando uma saudade ao lar e preparando a consciencia para melhor morrer ao serviço da sua Patria.

O Temps de 16 de Novembro, em telegrama de Compenhague, diz tambem que a imprensa alemã abriu uma subscrição para se adquirirem presentes do Natal com destino ás tropas. Pensa-se em enviar a cada soldado um pacote, contendo um par de ceroulas e de meias compridas, uma salchicha grande, bolos, batatas, 12 charutos, 250 gramas de asucar, sabão, velas para a arvore do Natal, uma pequena garrafa de cognac, dez bilhetes postacs da guerra e um calendario para 1915.

Noticia-se mais que as creancinhas dos Estados Unidos, vão enviar um barco com brinquedos do Natal para os orfãosinhos dos paizes beligerantes.

Major Pires Viegas

Encontra-se em Lisboa desde o dia 23, d'onde partirá para Angola na expedição que breve deve seguir, como comandante do 3.º batalhão de infantaria 17, o brioso militar e nosso ilustre conterraneo Sr. João dos Santos Pires Viegas, major comandante do 3.º batalhão de infantaria 33, da guarnição de Faro.

O brioso militar veio oferecer-se expon-tancamente para ir combater em Africa, ao lado dos seus camaradas, na revindicta dos nossos patrios brios e defeza dos nossos queridos dominios coloniais.

Para a vaga deixada no 3.º batalhão do 33, foi nomeado o major Sr. Joaquim Mendes Cabeçadas, nomeação de geral agrado para o povo de Faro, pois que o ilustre major é tambem muito estimado na nossa cidade.

Dr. Rita Martins

Subordinado ao tema *Sobre as relações do sympathico cervical*, defendeu a sua dissertação inaugural a 23 do mez passado, este nosso querido amigo.

Ao novo médico, que desde os bancos escolares conquistara um lugar de destaque pelo seu curso brilhante, foi concedida a classificação de 18 valôres, o que é mais uma confirmação do seu talento.

Sinceramente o felicitamos.

A «ALMA NOVA»

Sae a 1 de cada mês. Só publica inéditos.

Aos assinantes que dizem não haver recebido o nosso ultimo numero, pedimos a fineza de nos avisar scupre que isso torne a succeder, para que dêmos as devidas providencias.

* * * A MULHER * * *

A educação feminina ingleza; modelo por onde devemos orientar a de nossas filhas

A «TECHNICAL SCHOOL»

Lamentando o desprêso com que em Portugal é visado o problema da educação feminina; as ideias erroneas e antagonicas que entre nós e em alguns outros países da velha Europa existem acerca da educação que se deve dar ás mulheres; lemos, há mezes, num diário de Lisboa, alguns sentenciosos capitulos que não será ocioso recordar.

“A mulher — ajuiza o criterioso periodico — deve ter os bastantes conhecimentos gerais para saber, por si propria, desempenhar a nobre missão de dona de casa e mãe de familia e resolver os numerosos casos que se lhe apresentam e que uma pessoa ignorante não pode resolver». E mais:

“Uma mulher, ainda que disponha de numerosa criadagem em sua casa e duma boa fortuna, deve saber de todos os serviços domésticos, conhecer o preço dos gêneros que coistituem as provisões de um lar e estar, numá palavra, ao corrente de tudo quanto diz respeito ao mecanismo da vida doméstica».

“Sem isso não saberia dirigir e seria explorada e enganada por servos e fornecedores». E concluindo:

“Cremos que estes conhecimentos não impedem uma senhora de sociedade de saber litteratura, pintura, musica e até se quizer, latim, matemática e economia politica... A cultura nunca é demasiada, e aqueles que vêem nela um perigo, são como os que não se lavam com receio de que ao contacto da agua lhes sobrevenha uma pneumonia».

Com o articulista e com o grande poeta e pensador latino, que se chamou Horacio, aventuramos a nossa opinião, pretendendo nobremente que “a par das prendas do luxo devem tambem possuir-se as de estricta utilidade». *Utile dulci*... como dizia o poeta.

* * *

Ora, é em semelhantes moldes, que o critério inglez sobre a edu-

APOSTOLOS DO BEM



JOSEPHINA BUTLER

Modelo ideal de mulher britanica, que em 1886 conseguiu a abolição da prostituição regulamentada e do trafico das brancas na Inglaterra.

cação feminina em face das concepções modernas, como o de todos os povos que marcham na vanguarda do progresso, — tais são a Alemanha, a Belgica, a Suissa, a Holanda, a Scandinavia, etc., firmam as suas bases.

“Como se sabe, o imperador Guilherme quiz que todos os seus filhos, depois de receberem uma educação superior, aprendessem um officio, pois diz ele que ninguem póde prevêr o que será o dia de amanhã, e deseja que seus filhos, a todo o tempo, disponham de meios que lhes permitam ganhar a vida honradamente».

Perdõem-nos o pouco espirito da observação... mas parece que o Kaizer já presagiava o tomo que levará com a Alemanha; apoz o desenlace da temivel derrocada que ha mais de trez mezes vem assolando a Europa.

Mas embora...; o que evidentemente se mostrará sempre, é que sentiu, com certeza, a essencia divina do seu labor a dulcificar-lhe a alma, o que em lingua humana pela primeira vez afirmou que “o

trabalho, longe de ser desdouro, nobilita e enaltece aquelle que o exercita».

* * *

Prática em tudo, e em tudo digna dos nossos mais cubiçosos olhos de atenção, a Inglaterra não só vê na educação da mulher a base indiscutível de todo o resurgimento nacional, mas, o que é ainda mais digno de ser por nós louvado, imitado, dando lições ao mundo, consubstancia em realidades os seus mais alevantados ideais. Assim é que lá vamos encontrar solução para o *desideratum* das classes que lutam pelo engrandecimento da sua patria, em essa importante instituição que eles denominam *Technical School* e que não é mais do que “uma escola pratica de donas de casa».

Diz o brilhante periodico a que nos vimos referindo, que em Inglaterra não se considera completa a educação de uma menina sem que aprenda praticamente todos os misteres duma casa. Bem visto.

Entre nós ha, certamente, quem tambem assim raciocine, mas como o chic, a moda, o bom tom e ser-se ignorante... ou deputada... nada se tenta.

Vejamos, porém, em rapidas linhas o que é a *Technical School*.

“Quando uma *miss* sae do collegio, continua geralmente estudando em casa para se aperfeiçoar na musica, na pintura e nos idiomas. Este estudo com professores particulares costuma durar dois anos, e nesse tempo a *miss* concorre á *Technical School*, que occupa em Londres um soberbo edificio, dividido em varias secções.

A cosinha é imensa e tem muitos fogões; na officina de engomados ha dez grandes mesas e as competentes fornalhas; a de costura de roupa branca é tão vasta e está tão bem montada, que parece o grande *atelier* duma fabrica; a lavandria de rendas está rodeada de pequenos tan-

RECREIO INFANTIL

Os Projectos

HISTORIA SIMPLIS

ques ou pias com agua quente e fria. Depois ha varios salões dedicados a aulas teoricas e duas secções convertidas em pequenas casinhas perfeitamente mobiladas.

Para se ver como os ingleses são praticos e preveem todas as hipoteses, deve-se fixar a atenção no modo como está organizada a *Technical School*.

As alunas estão divididas em tres grupos: primeiro, o das meninas da primeira sociedade que vão aprender com o objecto de saber dirigir as suas casas e distribuir o trabalho pelos seus criados; segundo, o das meninas de familias modestas, que aprendem para obter um diploma e collocar-se como mestras ou directoras de oficinas, e finalmente o terceiro que é o das criadas de servir, as quais vão aprender praticamente para ganhar um bom ordenado e não fazer a aprendizagem em casa dos amos, coisa muito molesta para estes e pouco lucrativa para as serviças.

As classes do primeiro grupo dão-se da seguinte fórma: primeiro lição teorica; as alunas ouvem as explicações da professora, e depois, aquella a quem toca em turno, explica por sua vez o que acaba de ouvir, e responde ás perguntas das companheiras.

Terminada esta classe, passa-se á pratica, e se se trata de cozinha, agrupam-se todas as que querem fazer um mesmo prato, preparam-no sobre a meza e põem-no ao lume. Em caso de duvida perguntam-se umas ás outras e se não atinam em resolver, recorrem à mestra".

E acrescenta o conceituado periodico:

Nas familias inglezas, são as senhoras que se occupam de fazer os pasteis para o chá, os doces e alguns pratos esquisitos.

Em Inglaterra, pois, até as filhas dos *lords* e as proprias damas da familia real sabem fazer os serviços domesticos, tão bem como a melhor das criadas.

A rainha de Espanha, D. Victoria, como boa inglêsa, emprega os seus ocios confeccionando roupas para distribuir pelos pobres, todos os anos pelo Natal.

A educação inglêsa é a que se deve dar ás mulheres, se se quer que elas desempenhem cabalmente a sua missão de donas de casa e mães de familia e boas educadoras de seus filhos».

I

Gentil, loira e rosada, alegre, ligeira, a criança corre, rindo, saltitando, pelo atalho dos prados. No caminho detem-se e consulta-se; o seu correr confunde-se com o vôo; a sua voz, num trilo harmonioso:

“Eu quero collier todas as flores, eu quero apanhar no vôo todas as borboletas, eu quero roubar ao chão todos os pequeninos morangos vermelhos que apontam na relva!”

— Criança, minha avesinha, meu traquinas de olhos azues, — ele ha tantas flores pelos trigaes! Ele ha tantas borboletas sobre as colinas! Ele ha tantos morangos pelos prados!

Parte; mas eis que, ehegado ao campo, encontra duas crianças, pés descalços e esfarripadas, que rebuscam espigas nos restolhos. Desde manhã que andavam ali, e o seu mólhinho era ainda tão pequeno! “Se não se as auxilia jámais acabarão”, monologou carinhosamente. E poz-se a ajuntar com elas as espigas dispersas, deixadas pelos ceifeiros.

Vae, torna ao longo dos regos, apanha, não descansando senão quando depõe no avental da maior um excelente braçado de doirados respigos.—O tempo corria, e ele tinha esquecido as flores.

Mais além, eis o caminho tortuoso da colina, onde entre as sarças floridas voltijam as borboletas, as leves borboletas brancas, azues, vermelhas, de todas as côres. A criança dirige-se para aí; mas sobre uma grande pedra de vereda encontra sentado, ofegante, esbaforido e solitario um pequeno pastor que chora e se aflige por haverem desaparecido as suas cabras. Tinham fugido, as malvadas; e quando ele gritava para virem, quando corria para as alcançar, em vez de deixarem apanhar-se escapavam-se ainda para mais longe, mais alto, para os sarçais e rochedos.

“Não chores, cala, diz a criança; eu proprio t'as irei buscar.” E ei-lo, arrojando-se atravez das sarças, trepando aos rochedos,

perseguido uma e depois outra, e levando-as adeante de si até que todas se reúnem.—E durante este tempo não havia pensado nas borboletas.

II

Quem está além, no bosque, sobre as grandes arvores? São duas rapariguinhas do casal vizinho, que andam apanhando alguns lenhitos secos para o fogo. Ao passar pelo caminho a criança detem-se e olha-as. “A noite já se aproxima, e o seu feixe é tão magrinho ainda...” diz para si. Depois, pensando mais: “Quem sabe se a mãe lhes vae ralhar... Não, não quero que vão ser reprendidas!” E num ápice apanha ramos secos, e faz um monte deles junto ao pé de um carvalho. O feixe está completo e bem apertado com uma vara flexivel; mas agora ele nota que este é muito pesado para as pobres *mignónes*. E' necessario, pois, transportá-lo até á porta da sua cabanita... — E os moranguinho do bosque entre a erva e o musgo? — E' muito tarde... Outra vez será!

Vi-o voltar, á boca da noite, pelo caminho que tinha seguido atravez dos campos. Marchava do cemeute, silencioso, um pouco cançado, as mãos vazias. De tudo o que a si tinha prometido nada trazia. Tinha partido no intuito de colher flores e voltava tendo rebuscado espigas; queria perseguir, doidejante, as borboletas, e esfalfara-sê atraz das cabras; saíra na esperança de apanhar muitos morangos no bosque e apenas ajuntara lenhos secos. Comtudo ele sentia uma alegria intensa em seu inocentinho coração, mais ainda do que ao partir.

— Ah! eu bem sei a razão, mas não vo-la direi. Se vós a sabeis tambem, crianças se o vosso coraçãosinho vo-la fez adivinhar, não a digais nunca, nem a mim, nem a ninguem; sómente a conservai de memoria para mais tarde!

(Trad. do francez).

M. M. M.



GLORIA AOS HEROES



Poesia que esta noite será recitada na historica festa do 1.º de Dezembro, que a sempre briosa Academia do Liceu João de Deus desde ha muito costuma realizar.

O autor, sr. dr. Rodrigues Davim, tem n'esta festa um logar preeminente e de justa deferencia,



Dr. Rodrigues Davim

pois é ele que, todos os anos, verdadeiro amigo dos estudantes, contribue para o brilhantismo da recita com a sua poesia—um bocado do coração excelso e patriótico, um bocado da alma harmoniosa, crente e epica do poeta mais amado da academia farense.

NAS paradas sombrias dos quartéis
sôam clarins enternecidamente;
brilham espadas, fardas e broqueis
e ao largo a estensa fila dos corseis
escarva o frio chão nervosamente.

Rompem solenes hinos marciaes,
e, em continencia espadas e clavinas,
ergue-se entregue a mãos viris, leaes
a bandeira das côres nacionaes,
o sacrosanto pavilhão das quinas.

E o regimento marcha. Vão após,
a acompanha-lo quentes saudações,
— o arfar do coração de todos nós,
da Patria bela a comovida voz,
das nossas mães ardentes orações.

Pelas ruas e praças apinhadas
correm a vê-lo as multidões anciosas.
Dardeja o sol nas folhas das espadas
e sobre as pedras brancas das calçadas,
caem torrentes de setineas rosas.

Soldados que não vence a Lybia ardente,
heroes que o mar respeita subjugado,
orgulho d'uma raça independente:
— pulsa em seu peito um coração valente
e a Fé reluz em seu olhar honrado.

Peitos de bronze e almas de diamantes:
— Deus vos conduza á gloria entre a procela!
Honrae a Patria em regiões distantes,
erguei-a em vossos braços de gigantes,
ou morrei lá, se fôr mister, por Ela!

Mostrai ás gentes barbaras, ferozes,
que infamam de terrôr a Humanidade
e enchem os ceus de maldições atrozes,
que a terra lusa não esporta algozes
nem afrontas tolera á Liberdade!

Ide, vancei; voltae entre os fulgores
da gloria imarcessivel, imortal.
Seguem-vos preces de leaes amôres
e hão de c'roar-vos de laureis e flôres
as mãos da Patria!

Viva Portugal!

Rodrigues Davim.

— A IDÉA DE MORAL —

ESTABELECIDA a teoria da relatividade no campo científico, logo o exclusivismo e as rígidas concepções unilaterais foram feridas de morte, tombando do alto do trôno em que os metafísicos as colocaram, para o laboratório analítico, onde se dissolvam os fenomenos da vida social.

A ciencia, servindo-se da observação e da experiencia, espaneou os dogmas, ridicularizou os milagres, desfez preconceitos, desenclausurou os espiritos da prisão em que os enciclopedistas e os fanaticos científicos os haviam colocado, num gesto ufânico de quem descobrira a pedra filosofal.

Ao estreito individualismo, anarquico e atentatorio da solidariedade fatal e necessaria — porque é uma lei natural — seguiu-se uma reação igual à ação, gerando a centralização politico-economica nas mãos dos Estados.

A Revolução francesa, profundamente individualista, foi o camartelo destruidor dum amontoado de preconceitos e absurdos de natureza politico-religiosa, que no furor do seu ataque destruidor, na ancia duma rapida efétivação, levou ao exagero as suas consequencias, e lá foi escoregando para o dogma que anteriormente combatera, estranha aos factos, a observação, e portanto ás leis da relatividade. Isto é: a Revolução pôs ás avéssas os principios derrubados. O que pertencia ao rei e ás castas privilegiadas deu ao povo, — não ao povo, massa homogenea e organizada, mas á massa amorfa e desorganizada. Os prejuisos subsistiram com um outro aspéto.

E foram os factos que a pouco e pouco, vieram mostrar que as idéas sam essencialmente evolutivas, por isso mesino que estam presas, ligadas aos factos. Não se arquetetam caprichosamente no remanso dum gabinete idéas ou principios reguladores da atividade social. A imutabilidade não existe, e o principio de Lavoisier tem aqui applicação. As idéas ou os principios, não sam creações arbitrarías do espirito humano, e sim manifestações ou exteriorisações da reflexão intima do nosso raciocinio, ferido, solicitado pelos factos, pela observação e pela experiencia das coisas da vida real.

E porque os factos geram as idéas, entre uma e outra coisa deve haver uma logica correlação, da qual surgiu a teoria da relatividade.

Já os romanos diziam: *ex factis oritur jus*, o direito nasce dos factos; e o direito, em vez da concepção metafísica e irreal dos enciclopedistas, é, pelo contrario, um produto dos factos, a sua sequencia logica e natural.

Ora a idéa de Justiça, como da Beleza, do Bem e da Moral, sam necessariamente a consequencia da nova ordem de factos, que as necessidades de ordem material foram provocando e transformando continuamente. Portanto, tomar as idéas no seu sentido absoluto, é contrariar os factos, é divorciar-se da verdade científica.

Basta uma ligeira reflexão historica

para desde logo concluirmos, que entre muitas concepções da idade-media e da época moderna, ha verdadeiras antiteses, como outrosim existe uma interessante paridade entre muitas concepções da antiguidade greco-romana com as da atualidade. Aparentes recuos ou por outra, escuros parentesis que as inyasões bárbaças e as trevas medievais geraram, e que mal ésplicam a evolução continua dos factos e das idéas.

A Moral, como todos os principios que presidem e orientam os atos dos individuos entre si, é variavel como os proprios atos que geraram a sua concepção. Ela varia de individuo para individuo, de paiz para paiz, de uma raça para outra, e sobretudo entre povos de cultura e civilisação diferentes.

Ora parece que, sendo a moral a mesma para um determinado meio social, ela não devia variar entre os individuos de esse meio, e pelo contrario permanecer a mesma.

Mas em face da anormalidade dos individuos, o senso moral destes varia tambem. E o senso moral é, como diz Garofalo, o critério com que o individuo em face dum facto sabe o que é bom e o que é mau; isto é, como diz Ferri, aquele critério que leva o individuo a evitar a pratica de atos anormais, ou sejam aqueles que provocam uma repulsão do meio social.

Varia pois a idéa de moral entre os individuos dum mesmo meio social, por motivos da sua propria constituição psico-fisiologica, mas que dada a normalidade dessa constituição e da cultura intelectual e educativa, ela tende a ser a mesma, a tomar o mesmo aspéto, para todos os individuos d'um mesmo meio e numa mesma época.

A moral dum criminoso nato, doente, ou por habito adquirido, difere bastante da moral dum homem normal.

E se assim é entre os individuos dum mesmo meio, entre individuos de países diferentes mais se acentúa a diferença de concepções da idéa de moral, e sobretudo quando ela é acompanhada da distincção de raças, com todas as particulares caracteristicas étnogenicas, economicas e intellectuais.

Mas sobre todos estes fátôres, os que mais parecem contribuir para

a variabilidade da idéa de moral, é o fátôr economico e a cultura intelectual. Aquele gerando quasi todos os atos dos individuos, este depurando-os, abrindo-lhes horizontes novos.

A moral dum camponez é diferente da dum habitante da cidade. Entre algumas tribus dos peles vermelhas, a antropofagia é a coisa mais natural deste mundo; comer um semelhante é um prato delizioso.

Letourneau apresenta-nos o crime de parricidio entre algumas tribus do interior da America e Polinésia, como uma pratica normal daqueles povos. Entre o judeus, o roubo era uma pratica quasi justificavel. Em Sparta, aquele que roubasse com arte, e através de tudo oúltasse o seu crime, era absolvido contra todas as provas. O povo romano tam austero no seu primitivo desenvolvimento, debate-se por fim numa crise de moralidade, campeando o sensualismo em exhibições provocadoras. A idade-media creou uma moral imposta pela vontade autoritaria dos senhores feudais, creando direitos estravagantes, como o direito de pernada ou prelibação, e que consistia na posse da mulher, que casasse com um súbdito, na noite do casamento.

E aqui vemos nós a moral traçar uma curva interessante e caprichosa, atravez as épocas e os povos.

Nós conhecemos essa senhora muito bem, dizia o grande tribuno Alexandre Braga, que nas mansardas se veste de trapos e tem uma linguagem simples, e nos salões aparece impúdica por entre sedas, servindo-se duma linguagem florida e perfumada; que entre o vicio fala de navalha aberta, melenas caídas e cigarro ao canto da boêa.

No entanto apesar da sua variabilidade, a moral mantem-se na forma dum principio regulador, sobrepondo-se como tara que afere o grau de levantamento dum povo, aos atos daqueles que pretendem cuspir-lhe na face.

Ela é o translucido espelho, onde todos nós devemos compôr as nossas ações, antes de as transpormos para a vida.

E' por isso que a Moral vive no palacio da Consciencia.

Lisboa, 20 11 914.

Mauricio Monteiro.

QUADRAS

*O meu Amor deu-me um beijo
Que me poz toda a pensar...
Oh beijo que me fadaste,
Quero-to muito embalar...*

*Oh meu Amor, vaes partir,
Deixa-me o teu coração...
En quero-te muito, muito,
Como a um bocado de pão...*

*A carta que me escreveste,
Vinha cheia de maldade...
Espera que atrás do tempo
Vem um pouco de sanidade...*

BELEZA e BONDADE

CONCURSO INFANTIL

Qual a mais galante menina de Faro?
Qual o mais interessante pimpolho?

Continua a interessar e merecer as atenções que premeditámos da parte do distinto meio de Faro e nossas carinhosas leitoras, o original concurso com que abrimos o 1.º numero da nossa publicação. E justificando o nosso sincero jubilo, porquanto o sabemos antever no coração desses pequeninos entes que em breve irão ser beneficiados pelas mãos candidas e tenrinhas dos seus companheiros mais felizes; e expressando em agradecimentos todo esse nobre gesto de amor pelos desprotegidos, que significa a colaboração no nosso intento, vamos registar as respostas ás nossas perguntas e as ofertas para a subscrição ultimamente recebidas:

Sr. Director

Louvando a vossa carinhosa lembrança, na iniciação do concurso infantil, a ela me associo, subserendo com a inclusa quantia e dando o meu voto á menina **Maria Carolina**, sobrinha mui galante do Sr. Franciseo Pinto, e ao menino **Arthur José**, filhinho mui pimpolho do Sr. João F. Neto.

Faro, 17-11-914.

P. C.

Ex.º Sr. Director

Para a subscrição aberta no seu muitissimo apreciado jornal envio, em estampilhas, 50 centavos.

E, a meu ver, a mais galante menina de Faro é a **Maria Judith**, filha do Sr. João Ferreira Neto.

O mais interessante pimpolho, o **Pedrinho**, filho do Sr. Dr. Arthur Agueda.

Faro, 17-11-914.

M. C.

Ex.º Sr.

Remeto tambem 200 réis em selos, que representam a minha humilde contribuição a favor da altruista e amovavel subscrição para as eriancinhas indigentes de Faro; podendo contar com 100 réis todos os meses, enquanto durar o galante inquérito.

Tavira, 14-11-914.

Laurinda Serytram.

Creancinhas votadas:

Meninas:

Maria Carolina, sobrinha do sr. Franciseo Pinto 1
Maria Judith, filhinha do sr. João Ferreira Neto 1

Meninos:

Chico, filhinho do sr. A Rebelo Neves 1
Arthur José, filhinho do sr. João F. Neto 1
Pedrinho, filhinho do sr. dr. Arthur Aguedo 1

O Canto das ondas

Vê como é grande o mar!... E esta harmonia
Das ondas pelo azul tumultuante!
Ao mar o meu amor é semelhante,
E vibra numa longa sinfonia...

Manhã de azul e bruma, perturbante;
Scintilações nos longes da agua fria...
O' fresquidão do mar que delicia!
Pedras quebrando a cólera espumante.

Pelas curvas da costa, em alto plano,
Ondulam mansamente os pinheiraes,
Embalsamando o ritmo do oceano.

Meu amor, este canto gigantesco
E' de Vida! E ás horas divinaes
O mar refulge, embalador e fresco!...

Lisboa, 1914

Mario Pacheco.

Importancia recebida em favor da subscrição

Transporte	1\$000 réis
Da sr.ª D. Laurinda Serytram	200 »
De P. C.	500 »
De M. C.	500 »
Total	2\$200 »

A distribuição dos premios deverá ser feita quando a «Alma Nova» completar o 1.º semestre. Próximo a essa ocasião será orgadizado um juri constituido por uma comissão de

donzelas farenses, o qual tratará da confecção das vestes com que deverão ser contempladas as criancinhas indigentes que o mesmo juri terá a honra de escolher.

E' esta uma acção por todos certamente reconhecida humanitaria e bela, e que só poderá altecer os corações que a ela se abrirem francos. Confiamos, portanto, no bom exita da nossa desinteressada tentativa.

DOS NOSSOS CRONISTAS E CORRESPONDENTES

De Lagos

Comemorando a Revolução de 1640

Nunea é de mais, antes é sempre imensamente consolador reordar em todos os tempos e em todo o lugar os factos gloriosos da nossa brilhante Historia, para ineitar, com os exemplos que eles nos dão, novas energias e eriar novas vontades.

Nunea é de mais, não, fazer reviver á luz da actualidade os personagens gloriosos que tanto trabalharam para o engrandecimento da nossa querida Patria, e os que tanto se sacrificaram para a levantar do aviltamento a que por vezes chegou.

E assim é que, relembrar na epoea presente os nomes eternamente imortais de D. Afonso Henriques, de Vasco da Gama, de Pedro Alvares Cabral, de Duarte Pacheco, de D. Franciseo de Almeida, de Afonso de Albuquerque, de D. João de Castro, e tantos outros, é atestar aos olhos das gerações de hoje que já fomos um povo grande e forte, e que já ocupámos um lugar de supremo destaque na politica mundial.

Relembrar os nomes daqueles por-

tugueses ilustres é fazer calar estaticamente os amesquinhadores vis e os orgulhosos depravados. Mas evocar a memoria de D. João I e de D. Nuno Alvares Pereira, de João Pinto Ribeiro e de Sanches de Baiena, de Manoel Fernandes Tomaz e de Gomes Freire de Andrade; e apontar os nomes dos muitos esforçados portugueses da Revolução de 5 de Outubro, para não mencionar muitos mais, é mostrar a todo o mundo que Portugal tem tido e tem em si energicos elementos de vida, que, sabiamente aproveitados, podem ainda leva-lo a reconquistar o alto grau de posição que já ocupou.

E se a todos aqueles nossos ilustres antepassados a nossa Patria muito deve, a alguns, atendendo ás circunstaneias da epoea em que puzeram á disposição dela todos os seus esforços, é de justiça que dediquemos uma partiular devoção.

Estão neste caso os heroicos conjurados de 1640.

Por isso, recordar esta data é o que ha de mais grato ao *peito ilustre lusitano*, é encorajá-lo em novas empresas de ressurgimento nacional, é re-

Palcos & Cinemas

cordar uma lista imensa de nobres dedicações, e de sublimes exemplos.

E se é certo que não devemos colocar em plano inferior os gloriosos feitos do reino do Mestre de Aviz, e os sobreumanos esforços que os nossos avós empregaram para nos livrar das garras napoleônicas, também é certo que são bem diferentes as críticas circunstâncias em que Portugal se encontrou naqueles tres periodos de grave perigo da independência nacional. Assim, em 1385 Portugal contava com o heroico esforço e patriotismo de todos os seus filhos, com excepção apenas dum pequeno numero de renegados; em 1808, aliado ao esforço nacional, tivemos o valiosissimo auxilio dos ingleses. Mas em 1640 Portugal contava com a miseria a que o tinha reduzido o jugo castelhano; contava com a indignação, pela dominação extranjeira, da maior parte dos seus filhos, mas com o receio e o medo de muitos, e apenas com a abnegação e a inabalavel boa vontade e patriotismo dum reduzido numero dos mais ousados. Além disto, a nação portugueza baqueara em 1580 exausta de forças e energias, as quais, durante o longo periodo de sessenta anos de cativoiro, mal se tinham recuperado.

Por tudo isto a revolução do 1.º de Dezembro de 1640 foi um atrevimento arrojadissimo e só proprio duma raça de herois, como a nossa.

E embora aquela raça tivesse sofrido um golpe profundo, ei-la que ressurge na manhã gloriosa daquella dia, para novos cometimentos e para novos feitos a cumprir.

Tributemos, pois, eterna gratidão á memoria dos intrepidos organizadores daquela Revolução redentora, que assim libertaram Portugal dos pesados grilhões castelhanos; e que aos portuguezes de hoje, e aos portuguezes de amanhã nunca desfaleça o animo se tiverem de defender a integridade do torrão natal, porque mais vale morrer portuguezes no principio da idade, do que viver longa vida debaixo da tutela de extranhos.

José Francisco Cabrita.

Bibliografia

A Alma Nova faz a apreciação de todas as obras recebidas.

A Negação do Azar — por Victorino Coelho, edição da Livraria Ventura Abrantes — Lisboa.

A Negação do Azar, que o seu autor nos acaba de oferecer. É um volume de quasi 200 paginas, que no curto espaço de dois anos já conta duas edições, e em que se afirmam principios de irrefutavel verdade. Agradecemos.

Uma pendencia celebre — Antonio José d'Almeida — edição da Livraria Ventura Abrantes. — Folheto politico de grande successo.

Antonio Cabreira — Seus serviços e consagrações. — Grosso, elegante e luxuoso volume comemorativo do 25.º anniversario do estabelecimento da 2.ª epoca de exames de instrução secundaria, facto que se deve ao ilustre homenageado.

Primeiras representações

TEATRO DA TRINDADE — A revista em 3 actos «*Verdades e Mentiras*».

Para nós, as revistas constituem um genero teatral que muito nos agrada. Atravez d'aquellas ficções impregnadas de *charge*, existe muito de verdadeiro, e por entre aqueles vultos que põem a descoberto o que de ridiculo existe no proximo, aproveita-se muito que nos diga respeito e por onde se pôde avaliar a maneira feticia como são constituídas as sociedades.

Infelizmente as firmas andam muito desacreditadas, e o que de mais correntio é lançado no mercado com o nome de revistas, são méras *po-chades* pornograficas, com que os autores falhos de talento e de graça pretendem despertar o riso alvar, que mesmo até nos espiritos menos cultos já escasseia. Ora isto é tudo o que ha de mais antagonico com o espirito d'uma revista — que verdadeiramente mereça tal designação —. O riso da revista é salutar. Os seus ensinamentos corrigem-nos. E quer-nos parecer que um correctivo assim se torna mais eficaz; é o caso do *ridendo castigat mores*.

A revista, que actualmente está em scena no Trindade, é de Eduardo Schwalbach. Ninguém melhor do que o illustre autor da *Bisbilhoteira* podia ser escollido para o nivelamento moral de peças d'esta ordem. Espirito subtilissimo, observador minucioso e possuidor de grande tecnica teatral, ele confeccionou alguns quadros de ditos e situações de um imprevisto cheio de alegria e vivacidade, aonde intercalou dois, alusivos aos tragicos acontecimentos que actualmente se desenrolam, denominando ao conjunto *Verdades e Mentiras*.

«*Verdades e Mentiras*» é pois — o que não podia deixar de ser — um exito teatral, sendo garantia sufficiente firma-lo o nome consagrado de Schwalbach.

Quanto ao desempenho destacarém os Medina, Auzenda e Terêsa Taveira. Os restantes não desmancham o conjunto. Nos quadros da guerra, em que a encenação está muito bem cuidada, salienta-se a novel actriz Adriana Krusner, que é bonita e diz com acerto, condição primordial de agrado ás platéas. Nas rabulas destacaremos o *Amanhã* e o *Engraxador* pelo actor comico Gomes, que obteve merecidos aplausos. Ossuetos politicos bem retratados. A musica bôa. Guarda-roupa e scenario regulares; especializando n'este ultimo, o episodio da paz e a apoteose final —

LUSO.

Teatro Circo de Faro

O unico cinema da capital algarvia. É o ponto de reunião da sociedade forense, e onde todas as segundas, quartas, sabados e domingos accorre a admirar os mais palpitantes «films».

S. Carlos — A abertura d'esta faustosa sata de espectralculos, para funcionamento da companhia do ex-Teatro Republica, constituiu nos meios artisticos o mais justificado successo da temporada. Activam-se os ensaios da peça «*Monsieur Brotonneau*», cujos principais papeis foram confiados a Chaby Pinheiro, Jesuina Saraiva e Leonor Faria. Os preços são os mesmos do Teatro Republica.

Nacional — Subiu á scena no dia 25, o interessante drama em 3 atos, original de Ramada Curto, «*A Sombra*».

Interpretam os principais papeis Lucinda do Carmo, Palmira Torres, Albertina d'Oliveira, Izabel Berardi, Carlos dos Santos e Henrique d'Albuquerque.

O successo da «*première*» é garantia sufficiente para felicitar-nos o autor e tambem o publico, por ter occasião de ir admirar o valor sempre crescente dos nossos artistas e dramalurgos.

Gymnasio — Veio á luz do proscênio neste elegante teatro a comédia em tres atos de miss Mayo, intitulada «*Chuva de Fithos*». É uma serie de hilariantes peripécias que conservam o publico, de principio a final num crescente de interesse e de gargalhada. Deve ser peça de longa dura no carlarz.

Teatro da Trindade — Todas as noites a aplaudida revista de Eduardo Schwalbach «*Verdades e Mentiras*».

Politeama — Começaram no dia 22 do p. p. os concertos sinfonicos, sob a direcção do distinto maestro David de Sousa, nesta brilhante sala de espectralculos, motivo porque o publico de Lisboa lá afflue todos os domingos e se sente verdadeiramente maravilhado.

A Companhia italiana Elore Vitale, tem obtido successo todas as noites.

Rectas populares com 50 % em todos os logares.

Eden-Teatro — Companhia de opereta portugueza de que faz parte a distincta atriz Palmira Bastos. Para breve «*O Marido Feliz*» e «*A Rainha do Cinema*».

Apolo — Reapparecimento do «*Sonho Dourado*», o maior exito da época passada. Os espectralculos são por sessões e a preços reduzidos.

Coliseu dos Recreios — As novidades mais surpreendentes e as noites mais bem passadas, só nesta admiravel casa de espectralculos.

No genero, o Colisen é irrealisavel em Lisboa; motivo porque os seus espectralculos são sempre concorridissimos.

Para breve novas atrações.

Olympia — O Cine da Moda. Diariamente «*matinées rose*».

Salão Central — O animalografo preferido pela variedade de fitas e esplendido concerto.

Chiado Terrasse — Ponto de reunião elegante.

Salão da Trindade — O mais amplo cinematografo de Lisboa. Sempre estreias.

Grande Palacio Cinematografico — R. da Palma. Filas de actualidade e de grande melragem.

ADVERTISING

Advertisement text in the top-left quadrant, including details about a business or service.

ADVERTISING

Advertisement text in the top-right quadrant, including details about a business or service.

RENTALS FOR THE DEPARTMENT OF THE ARMY

Main body of text in the center, containing detailed information about rental services and terms.

RENTALS FOR THE DEPARTMENT OF THE ARMY

Additional text in the middle section, possibly a continuation or a separate notice.

RENTALS FOR THE DEPARTMENT OF THE ARMY

Advertisement text in the bottom-left quadrant, including details about a business or service.

RENTALS FOR THE DEPARTMENT OF THE ARMY

Advertisement text in the bottom-right quadrant, including details about a business or service.

ADUBOS

de toda a especie

O. HEROLD & C.^A

Sucursal em FARO

Rua D. Francisco Gomes, 45

ONDE

Se executam todas as transacções

ORIZALINA

A mais bela e segura pintura para tingir o cabelo. Producto absolutamente inofensivo e de resultado garantido. Pinta em todas as cores.

À venda em Tavira, na

Farmacia do Monte-pio Tavirense

Deposito geral—FARMACIA BARRETO

Rua do Loreto, 24 a 30—LISBOA

Telefone n.º 3098

FESTAS DO 1.º DE DEZEMBRO pela Academia de Faro

PROGRAMA

1.ª PARTE

HINO ACADEMICO, pela orchestra, sob a direcção do distinto maestro *A. Rebelo Neves*

ALOCUÇÃO, pelo presidente

GLORIA AOS HEROES, poesia de *Rodrigues Davim*, por *A. Condessa*

1.º DE DEZEMBRO DE 1640, versos do academico *J. Dias Sancho*, por *R. Brilo*

CONCERTO PELA TUNA ACADEMICA

CAFRE, tango

SEGUIDILHA

VIVA TU MADREI

HINO NACIONAL

Habil regencia do distinto professor do Liceu sr. Carlos Vilamariz

2.ª PARTE

AS MEDICINAS

Disparate em acto, imitação, por *3 XXX*

Maeario, proprietario
Carlos Soares, seu sobrinho
Dr. Chloroformio
Dr. Cataplasma

A. Valerio de Carvalho
J. M. Tengarrinha
R. Brita
S. Santos

Dr. Sinapismo
Dr. Carabana
Medica-parteira
José, criado

L. Pessoa
J. Frasquinho
J. Bitá
J. Ramos

UM MONOLOGO, por *Natalia Vieira*

CONTO DE FADAS, monologo por *A. Carvalho*

SÓLO DE VIOLINO, por *F. Gil*

3.ª PARTE

O TIO PANCRACIO

Comedia em 3 actos, original de *A. Robino*

Pancraçio, proprietario e capitalista
Julio, estudante, seu sobrinho

A. Condessa
A. Carvalho

José, criado
Gregorio, hospedeiro

J. Ramos
J. Bitá

HINO NACIONAL, pela Tuna

Encenação e caracterisação obsequiosa do distinto amator *A. Paula Santos*

Ponto *A. L. Neves*

Contra-regra *S. Santos*

Principia ás 20 e meia horas

A. MARTINS PAULA

CIRURGIÃO-DENTISTA

— PELA —

Escola Medico-Cirurgica de Lisboa

Clinica de bóca e de dentes

DENTES ARTIFICIAES

Rua Conselheiro Bivar, 15, 1.º

FARO

Livraria das NOVIDADES

— DE —

Antonio dos Santos Capela

Rua da Marinha, 15 — FARO

Livraria, Papelaria, Loterias
e Tabacos nacionaes e estrangeiros

N'este estabelecimento vendem-se e compram-se todos os livros para escolas e liceus, romances e obras scientificas! Recebem-se diariamente todas as novidades literarias, jornaes de modas, figurinos e publicações.

Grande sortimento em bilhetes postaes

Assinaturas permanentes de todos os romances e mais obras.—Descontos aos revendedores e estudantes.—Encadernações a preços resumidos. Agente das principaes casas de Lisboa.